

O Erudito na Música de Wilson Fonseca

**Vicente José
Malheiros da
Fonseca**

Juiz Togado do
Tribunal Regional do
Trabalho da 8ª Região
e Professor da
Universidade da
Amazônia - UNAMA;
é filho de Wilson
Fonseca.

Wilson Dias da Fonseca (IZOCA), nascido em 17 de novembro de 1912, em Santarém, neste Estado, completa 83 anos de idade. A data é um convite para prestar mais uma homenagem ao músico santareno, além de outras que, certamente, tem recebido de seus conterrâneos.

Casado com Rosilda Malheiros da Fonseca (6 filhos), o maestro e compositor santareno, membro fundador da Academia Paraense de Música (cadeira nº 24, cujo patrono é seu pai, maestro José Agostinho da Fonseca, 1886-1945), é praticamente um autodidata na arte de Euterpe.

Na década dos anos 50, ele chegou a receber convite para fazer um estágio em Colônia (Alemanha), formulado pelo Dr. Heinrich Lemacher, Catedrático da Academia Nacional de Colônia e Professor do Instituto Científico de Música da Universidade, após remeter-lhe algumas de suas músicas sacras, no ano de 1958. Não pôde, entretanto, atender ao chamado, por não dispor de meios e dada a sua condição de funcionário do Banco do Brasil, aposentado desde 1972. Naquela época proliferavam os estúdios de música eletrônica, como o da Radiodiffusion Française, em Paris, e o da Nordwestdeutscher Rundfunk, em Colônia. Embora compositor desde 1931, teria Wilson Fonseca adotado outro rumo se tivesse estagiado na Alemanha? Só Deus sabe!...Mas foi melhor que ele tivesse ficado na querida "Pérola do Tapajós", que tanta inspiração lhe tem proporcionado!

IZOCA, como é mais conhecido, embora ainda desconhecido pela "mídia", possui atualmente cerca de oitocentas (800) composições musicais, que abrangem peças para orquestras de dança (desde o tempo do jazz-band), banda de música (quase 50 dobrados e outros gêneros), corais, sacras, músicas de câmara (solos, duetos, trios, quartetos, quintetos, decetos de sopros e/ou cordas etc.), peças sinfônicas (overture, poema sinfônico etc.), para piano solo, piano e canto, Piano a 4 mãos etc. Compositor prolífico, tem mais de 10 Missas, inclusive com texto latino, para vozes mistas, órgão e orquestra sinfônica.

Dentre as peças orquestrais, podem ser citadas a abertura sinfônica **Centenário de Santarém**, de 1948 (que chegou a ser interpretada pela Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Pará, na Semana de Santarém, realizada no Teatro da Paz, nesta Capital, em 1972) e outras peças incluídas no IV Volume de sua Obra Musical, além do inédito poema sinfônico **América 500 Anos** (para orquestra, com opção para participação de vozes, de 1992).

As músicas de Wilson Fonseca não são, em geral, de execução difícil, digamos assim. Muito pelo contrário, as criações do compositor santareno costumam fluir sem maiores complicações, como atestam as autorizadas opiniões de **Waldemar Henrique** e **Francisco Mignone**. Diz o primeiro que a obra de Izoca é "sempre original e sugestiva, impregnada de sadio regionalismo, onde a inventiva melódica pontifica sem comprometer a nítida tendência instrumental de um compositor autêntico" (cf. Parecer nº 02/77 - Processo nº 3736, incluso nos volumes publicados de sua Obra Musical). E o segundo: "...cheguei à conclusão que V. Sª sabe "onde tem o nariz" e estudou música de verdade. A tudo isso agregou boa fantasia inventiva cheia de gostosos acordes melódicos e harmônicos" (cf. manifestação transcrita ao final do Volume III).

Dos atuais 13 volumes de sua "Obra Musical", 4 apenas foram editados (3 pelo Governo do Estado do Pará, em diversas administrações (de 1977 a 1984), e 1 sob os auspícios de seus filhos (1982), quase todos músicos amadores, por tradição de família. Os volumes de sua obra estão assim catalogados: Coral (I); Sacra (II); Valsas, Modinhas, Toadas, Tangos e Canções (III); Orquestra, Trio e Duetos (IV); Músicas para Banda (V a VIII); Sambahs, Marchas, Foxs e Boleros (IX); Diversos (X a XIII).

O octogenário compositor paraense continua bastante lúcido e criativo, não obstante a avançada idade. Uma das boas razões para isso é o estímulo e o prestígio de que desfruta em Santarém, especialmente a atenção que lhe dispensam os amigos e familiares,

como é o caso, por exemplo, de José Agostinho da Fonseca (Tinho), meu irmão, dedicado colaborador do maestro sobretudo nas tarefas de arquivo e preservação de obra musical, que ultimamente já vem se utilizando do auxílio do computador, não só para a catalogação desse inestimável acervo como também na execução "alternativa" de peças do maestro santareno, aproveitando os recursos computadorizados, sem comprometer as criações originais. Na falta de outros intérpretes, digamos mais "autênticos" (salvo exceções), é melhor assim: caçar com o "gato" do que ficar sem caçar...

Nos últimos volumes de sua obra musical constam obras dos mais diversos gêneros musicais, inclusive muitas peças destinadas a músicos de câmara (duetos, trios, quartetos e quintetos de cordas ou de sopros, decetos etc.) e até o poema sinfônico para orquestra (com alternativa para participação de vozes na parte final), antes mencionado ("América 500 Anos"), composto no ano de 1992. Prevaecem, entretanto, peças destinadas a coral e banda de música, porque em sua cidade natal os seus principais intérpretes são o **Coral de Santarém** e a **Filarmônica Professor José Agostinho**, grupos democráticos e com ampla receptividade na comunidade (autênticos "conservatórios" populares), ambos sob a batuta do **Maestro Wilde Fonseca** ("Dororó"), irmão de IZOCA.

O curioso é que, além de peças dedicadas à sua esposa, minha mãe (Rosilda) - a musa inspiradora do maestro paraense -, aos filhos, sobrinhos, afilhadas e amigos, Wilson Fonseca busca inspiração não só nas belezas naturais (praias, rios, recantos pitorescos etc) e no folclore da região, como também nas pessoas com as quais convive. Estão, neste último caso, as músicas dedicadas aos integrantes da Filarmônica, como, por exemplo, os Dobrados n°s 20, 24, 25, 30, 31, 34, 39 e 42, em homenagem a Dudu Almeida (sax-alto), "Faiéco" (bombo), Sebastião Sirotheau (sax-tenor, depois tuba), Euclides Ramos, "Quidó" (trompete, depois barítono) e Adalgiso Paixão (bombardino), quase todos já falecidos. No início da carreira, como compositor, os homenageados foram os seus mestras, tais como nos Dobrados n°s 3 ("Frei Ambrósio"), 4 ("Luiz Barbosa") e 12 ("José Agostinho", par de W.F.).

Há também Dobrados compostos para datas e entes queridos (filhos, netos, irmãos, pai e esposa de W.F.): Tinho - 40 anos (n° 40); Tininho (n° 33); Netinho (n° 26); Adriano (n° 32); Vicente Filho (n° 27); Juliano Wilson (n° 23); Johan Júnior (n° 36); Jean Pablo (n° 41); Wilmar Fonseca (n° 10); Wilde Fonseca (n° 11); 14 de Novembro (n° 8); 20 de Fevereiro (n° 7); e trecho de 17 de Novembro (n° 9).

Em cada uma dessas peças Wilson Fonseca,

procura caracterizar a personalidade do homenageado, como o fez, por exemplo, nas valsas dedicadas às filhas, sobrinhas ou afilhadas. Agora, os beneficiários da homenagem são também os netos. Não haveria, neste ponto, alguma semelhança com **Edward ELGAR**, compositor, em suas **Variações Enigma?**

Na verdade, o compositor santareno parece ser mais do que um simples "homenageante" de pompas ou circunstâncias. O fato de constar, em seu catálogo, quase meia centena de Dobrados e uma quantidade realmente expressiva de Hinos merece uma ligeira explicação.

Quanto aos Dobrados, modo de manter sempre renovado o repertório da **Filarmônica Professor José Agostinho**, creio ser desnecessário tecer maiores considerações. A respeito da música para Banda, recomendo a leitura do que escreveu o meu irmão **José Wilson Malheiros da Fonseca** às páginas 31/34 e 70/80 do livro **Recital dos 80 Anos - Um ensaio sobre o perfil e a música de Wilson Fonseca** (1992). Aliás, desconheço que exista, pelo menos no Brasil, alguém que tenha composto substancial trabalho para Banda de Música (há outros gêneros, além dos Dobrados, como maxixes, sambas, foxs, hinos, sacras, valsas, marchas, boleros etc.). Por isso, crio que não é exagero afirmar que a produção do compositor paraense, nesse campo, pode competir com o grande **John Philip Sousa**, embora os estilos sejam diferentes.

E quanto aos Hinos, resultam, quase sempre, de encomendas oriundas dos mais diversos locais, inclusive de outros Estados do Brasil, destinados aos mais variados acontecimentos cívicos, festivos, religiosos etc. Como recusar tais pedidos, muitas vezes formulados às vésperas dos eventos? Ou como deixar de atender às solicitações de pessoas e instituições (escolas, clubes recreativos ou desportivos), não raro manifestadas com o expresso propósito de se verem contempladas com mais uma criação do músico paraense, cujo conceito tem ultrapassado as fronteiras do Estado do Pará?

Assim, não resta dúvida de que **Wilson Fonseca**, dotado de senso histórico e consciência estilística, é o que se pode chamar de um autêntico compositor da cidade em que nasceu e de onde jamais quis afastar-se, salvo em viagens de férias. Diria mesmo que ele é um artista identificado com a região em que vive (interior da Amazônia). Muito modesto e quase autodidata, é praticamente desconhecido no resto do Brasil, talvez por não se preocupar em seguir escolas ou movimentos, preferindo manter a autenticidade e a independência de seu estilo próprio, como homem e como compositor.

Não obstante, é perfeitamente integrado à cultura e ao folclore de sua terra. Veja-se, por

exemplo, em seu catálogo musical, as coletâneas intituladas **Santarém Brincando de Roda** (50 cantigas infantis, 1958); **Nos Braços de Mamãe** (10 cantigas de ninar, 1967); e **Pastorinhas de Santarém** (1986), tudo com as variantes locais.

A seu respeito, disse **Luiz Câmara Cascudo**: *"Emociona-me aquele que fica na sua terra, garantindo pela continuidade do exemplo o acréscimo do patrimônio cultural na espécie de sua atividade. Wilson Fonseca mantém jardim e pomar na vivência musical de Santarém"* (manifestação transcrita ao final do **III Volume da Obra Musical de W.F.**).

Músicas suas já foram interpretadas no exterior, como nos Estados da América do Norte e Itália, segundo os registros constantes de seu curriculum vitae, inserto ao final dos volumes de sua **Obra Musical** editada.

Wilson Fonseca tem sido freqüentemente requisitado para compor ou fazer arranjos, harmonizações, instrumentações e adaptações de peças suas e de outros autores para as mais variadas circunstâncias, desde o que ele próprio chama de musiquetas para cordões da quadra junina, grupos pastoris, teatrinhos escolares, notadamente para piano, órgão, pequenas orquestras, jazz-band, banda de música, canto etc., trabalhos que já ultrapassaram a casa do milhar e que, em grande parte, não figuram em seus arquivos e nem integram o catálogo de sua **Obra Musical**, porque extraviados.

Alguma coisa, porém, foi conservada, como Hinos encomendados para os mais diversos eventos e até Sambas para desfile de Carnaval.

Estas seriam, digamos, as suas peças "menores". Note-se que considero os Dobrados um capítulo especialmente interessante na produção do compositor santareno, sobretudo nos últimos trinta anos, pelo que apresentam de riqueza melódica, harmônica e polifônica, com profundas raízes na cultura brasileira.

Há, entretanto, composições realmente notáveis, cuja erudição é indiscutível. Além das **Músicas Sacras** (como as **Missas** contidas no **II Volume** de sua **Obra Musical**), gostaria de destacar aquelas que integram o **IV Volume (Orquestras, Trios e Duetos)** e as contidas nos últimos volumes de sua produção musical, especialmente as músicas de câmaras, inclusive peças para piano a 4 mãos, tais como: **"Fantasia sobre o Hino de Santarém"**, **"Arpejando"** (choro-estudo nº 1), **"Travesso"** (choro-estudo nº 5), todas de autoria, arranjos e transcrições para piano a 4 mãos de Wilson Fonseca; **"Good Bye, My Girl"** (one-step), **"Galope"** e **"7 de Setembro"** (dobrado), sobre melodias de **José Agostinho da Fonseca**, com arranjos e transcrições

para piano a 4 mãos de W.F.; **"Il Guarany - Profonia"** e **"Il Guarany - Cerimonia-Ballo e Passo Selvaggio"**, ambas peças, dentre outras, foram enviadas ao excelente duo pianístico, recentemente formado pelas professoras **Leonora Menezes de Brito** e **Eliana Cutrim Kotschoubey**, da Universidade Federal do Pará.

É certamente em razão das músicas sacras que o musicólogo **Vicente Salles** diz que Wilson Fonseca é o Barroco no Século XX (in "Sociedades de Euterpe"). E **José Wilson Malheiros da Fonseca** (filho do compositor) acentua que uma série de suas músicas de câmara sugere o título de **Bachianas Amazônicas** (in **"Recital dos 80 Anos"**, págs. 67/68).

Wilson Fonseca dedica-se ainda ao estudo do folclore e da história da Amazônia. O livro intitulado **"Meu Baú Mocarongo"**, obra inédita, em vários volumes, tem sido fonte de consultas para estudantes, pesquisadores e jornalistas, há muitos anos.

Foi homenageado com a gravação de suas composições e de seu pai, no disco LP, coleção "Nos Original" (vol. 3), editado pela Universidade Federal do Pará, em 1992, quando completou 80 anos de idade, por sua dedicação à arte e à cultura amazônica e brasileira. No mesmo ano, foram realizados diversos eventos em Santarém e em Belém, em comemoração à data, destacando-se um Concerto, no Teatro da Paz, na capital paraense, quando foram executadas peças de sua autoria, por intérpretes brasileiros e estrangeiros, sob a organização da **Fundação "Carlos Gomes"**. No CD intitulado **"Memorial"** (Tynnoco Costa e grupo Tymbre), há pouco lançado em Belém, foi incluída a música **"Cidade Sorriso"** de sua autoria.

Em Santarém, a Escola de Música mantida pela **Fundação "Carlos Gomes"**, recentemente inaugurada, leva o seu nome.

Embora eclético, o prolífico compositor santareno, sem se afastar das autênticas raízes nacionais, hoje pode ser considerado erudito, em que pese não tenha freqüentado conservatórios oficiais (como aliás acontece com diversos outros músicos ao longo da história da música). É nesse sentido que devem ser interpretadas as opiniões dos que têm mantido contato mais estreito com a produção musical do maestro santareno.

Segundo o conceituado musicólogo **Vicente Salles** ("Sociedades de Euterpe", pág. 216):

"Guardadas as proporções de tempo, o caráter e o sentido da época, que bem define o estilo e a maneira de viver, Wilson Fonseca não deixa de sugerir a idéia de um autêntico compositor barroco do século XX.

Tal como o padre mestre José Maurício Nunes Garcia, ou os compositores mineiros do século XVIII, adquiriu pelo próprio esforço o conhecimento e a técnica que o credencia a ocupar o seu espaço na história da música regional, ou até nacional, com a dignidade de verdadeiro mestre. Mestre do barroco no século XX. É uma oferenda musical de Santarém”.

Ou como afirma o eminente maestro Gustav Leonhardt (em carta dirigida a José Wilson Malheiros da Fonseca, filho de IZOCA):

“Realmente, as partituras mostram um compositor com grande experiência da prática na matéria, tanto no estilo como nas possibilidades de execução. As composições dele são muito encantadoras e, com certeza, preenchem as lacunas do seu “escondido mundo verde amazônico”.

Portanto, além de “Canção de Minha Saudade”, “Terra Querida”, “Hino de Santarém”, “Lenda do Boto”, “Cidade Sorriso” e “Um Poema de Amor” (apenas para citar as mais conhecidas), Wilson Fonseca é muito mais do que autor de canções entoadas em serenatas santarenas, em festas dançantes, em bailes de carnaval, em procissões, nos coretos das praças, em festividades religiosas, folclóricas ou estudantis e tantos outros eventos. Na verdade, há um “outro” Izoca muito pouco conhecido dos próprios santarenos, compositor de missas, peças orquestrais, pianísticas e de câmaras, que não raro procura inspiração justamente em temas da cultura regional para, com a técnica arduamente adquirida no trato da arte dos sons e o talento que lhe é inato, produzir composições “muito encantadoras”, que, sem dúvida, “preenchem as lacunas do seu “escondido mundo verde amazônico”, “com a dignidade de verdadeiro mestre”. “Uma oferenda musical de Santarém”.

Belém (PA), 17 de novembro de 1994.

Com muita satisfação escrevo a Missa "Mateus Immu salubri" de Wilson Fonseca, por ver, além de boa técnica, sentimento artístico, e estar de acordo com as normas dadas pela Santa Sé.

COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE MÚSICA SACRA
RIO DE JANEIRO, 13-14-15.94.

Frei João Simão, O.F.M.

**LA VILLE DE BANDOL
L'OFFICE MUNICIPAL DE LA CULTURE
PRESENTENT**

**ASPECTS DE LA MUSIQUE
BRÉSILIENNE**

de la Belle époque à nos jours

Antonio Guerra VINCENTE - Violoncelle
Odette Ernest DIAS - FLUTE
Heloisa VARGAS - PIANO

AU PROGRAMME

Joaquim Antonio COLLADO - "LUNDU CARACTERISTICO"
Ernesto NAZARETH - DANSES BRÉSILIENNES
A. Guerra VINCENTE - VALSA SERESTEIRA
Wilson FONSECA - SUITE
Guerra PEIXE - MELOPLIAS N° 3
Jorge ANTUNES - INSUBSTITUINEL
Claudio SANTORO - QUATRE EPIGRAMMES
Villa LOBOS - ASSOBO AJATO

**MARDI 21 FEVRIER à 20h30
au
CENTRE CULTUREL COMMUNAL
Rue Pons - 83150 BANDOL**

Exposition ouverte tous les jours de 15h à 18h30
Entrée libre

Dep. M. 1994/00273 de BANDOL

BEATRICE VALSA

Musica de Wilson Fonseca

A' Bettyinha

Asas da Palavra - N° 03 - Outubro/95 - UNAMA

Cocam todas as quintas-feiras, as 21 horas, na Radio Mayrink Veiga, as bellissimas musicas que JORNAL DAS MOÇAS publica semanalmente.

Primeira composição de Wilson Fonseca. Esta Valsa para piano foi criada para sonorização de uma cena do filme **O BEIJO**, com **Greta Garbo**, em 1931. Dedicou a música a uma sobrinha.